

A favela que construiu a USP

NATASHA TEIXEIRA PERCEBO



A favela que construiu a USP

NATASHA TEIXEIRA PERCEBO

A favela que construiu a USP

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, com
Habilitação em Jornalismo, apresentado ao Departamento de
Jornalismo e Editoração.

Natasha Teixeira Percebo

Orientação: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Capa: Beatriz Sardinha

Diagramação: Letícia Santiago

São Paulo - SP

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Sumário

Introdução	9
Problema ou solução?	11
Violências e reurbanização	23
A precarização da universidade	31
A quem se propõe a universidade pública	39
O potencial não explorado	47
Agradecimentos	49
Referências	51

Introdução

Com excelência em pesquisa e desempenho acadêmico, a Universidade de São Paulo (USP) foi considerada a melhor universidade da América Latina em 2023. O título não surpreende tanto aqueles que conhecem a história da universidade que, há décadas, possui grande destaque entre instituições de ensino do mundo inteiro. Já é esperado que uma universidade com tantos resultados acadêmicos acima da média seja reconhecida.

A USP, então, é considerada uma grande universidade. Pelo menos, para alguns. Mas há questionamentos se a instituição, enquanto universidade pública, realmente cumpre seu papel.

O principal campus que abriga a USP, a Cidade Universitária Armando Salles Oliveira, possui atualmente quase 4,3 milhões de metros quadrados. Essa área vem sendo idealizada e construída desde a década de 1930, mas teve sua construção fortemente intensificada nos anos 1960, a mesma época em que nasce a favela da São Remo, localizada ao lado da USP, ocupando, inclusive, parte do território que pertencia originalmente à Cidade Universitária.

Os dois fatos, é claro, não são mera coincidência. A São Remo surge, justamente, dos trabalhadores, grande parte imigrantes nordestinos, que foram contratados para construir os prédios da universidade e se alojaram no território desocupado às margens da USP. Com o crescimento da Cidade Universitária, a comunidade não demorou a também se expandir.

Criou-se, assim, certa relação de codependência entre a USP e a São Remo. Enquanto a USP utilizava da mão de obra da favela – que, a partir de determinado ponto, já não se restringia somente aos trabalhadores de obra, uma vez que

o funcionamento da universidade foi exigindo cada vez mais serviços –, a São Remo crescia pela quantidade de ofertas e de emprego e serviços públicos oferecidos pelo campus.

No entanto, essa relação teve diversos altos e baixos ao longo de sua história.

Problema ou solução?

O início da história entre USP e São Remo foi marcado, principalmente, por tentativas, por parte da universidade, de desapropriação do território onde estavam os sãorremanos¹. Há relatos de que a área é atingida por decretos de desapropriação desde 1944², antes mesmo de a São Remo se estabelecer de fato.

Em 1986, a USP reforçou esse processo de recuperação das áreas ocupadas, atingindo as moradias ao redor do campus – que eram diversas além da São Remo – com decretos de desapropriação. Em conjunto, foi iniciado o “Projeto Sudoeste”, em que diversos núcleos da Universidade trabalharam para apoiar as famílias na sua remoção do território, facilitando, assim, a expansão da Cidade Universitária.

Durante a atuação do projeto, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP), junto do Laboratório de Recursos Audiovisuais, produziu um documentário sobre o projeto, com o título “Projeto Sudoeste da USP”, que pode ser encontrado no canal do YouTube da FAU USP.

— Em primeiro lugar, é a preservação do patrimônio da Universidade. Essa área aqui, da antiga Fazenda Butantã, é destinada a abrigar a Universidade de São Paulo e as suas expansões — afirmou José Goldemberg, que foi reitor da USP entre 1986 e 1990, ao documentário. — Desvirtuar essa finalidade, permitindo que favelas se desenvolvam em torno da Universidade, é um desserviço à educação superior no estado de São Paulo. A Universidade de São Paulo vai crescer e precisa preservar essa área para este crescimento.

1 Moradores da São Remo.

2 Informação retirada do documentário Projeto Sudoeste II – Sintonize na São Remo, disponível no canal do YouTube FAUUSP.

As comunidades na região, que eram vistas como um problema por serem consideradas um obstáculo para a expansão da universidade, eram na verdade, uma solução para as situações precárias de emprego oferecidas pela USP. Enquanto, por um lado, a população das favelas era mão de obra barata para a construção de novos prédios na Cidade Universitária, ela era vista como um impeditivo para esse mesmo fim.

Segundo Jorge Paulino em sua dissertação “O pensamento sobre a favela em São Paulo”, esse fato era comum em diversas favelas. O autor afirma que, desde o surgimento das primeiras favelas, “não se percebia que a favela não é um problema, mas uma ‘solução’ à necessidade de abrigo e que a sub-habitação é apenas um indicador de uma situação mais complexa caracterizada por desemprego e subemprego”.

Em 1979, um quarto da população economicamente ativa da São Remo trabalhava na USP³. Os alojamentos próximos da Universidade não eram somente uma solução de moradia a esses trabalhadores, mas também uma melhora na qualidade de vida, uma vez que a locomoção até o trabalho era facilitada.

— Eu morava no terreno da USP, ao lado do HU (Hospital Universitário). Lá, onde eu morava, a casa era, realmente, um barraco de tábuas, tinha muito menos conforto. Mas lá meu trabalho era dez minutos à pé. E daqui eu tenho que sair às 4h30 da minha casa para chegar às 6h45 no trabalho — revela ao documentário Jesus, ex-morador da São Remo que precisou se mudar devido à desocupação do território.

É importante ressaltar, no entanto, que o Projeto Sudoeste da USP buscou formas de dar apoio aos moradores em sua retirada do território.

Em primeiro lugar, a comissão orientou a Universidade a definir a retirada dos moradores por critérios sociais e não somente burocráticos. Dessa forma, a

3 *Dados retirados do artigo de Eva Blay e Heloisa Martins, publicado em 1980, “Favelização dos funcionários da USP”.*

desapropriação seria feita a partir das condições que as famílias teriam de sair daqueles terrenos. De acordo com o Prof. Nestor Goulart, coordenador do projeto e professor da FAU, essas recomendações tinham como objetivo evitar conflitos com a população.

O documentário explicita que, no trabalho social do projeto, eram realizados o cadastramento e as conversas com as famílias, verificando alternativas de moradia e fazendo o acompanhamento após a mudança. Além disso, também era oferecido apoio jurídico nos contratos das novas moradias, e arquitetos e engenheiros da comissão acompanhavam a construção de novas instalações.

O documentário também reforça um discurso sobre dignidade e respeito às pessoas que estavam sendo forçadas a sair de suas moradias.

— Eles estão mudando, né? É um modo de mudar bonito, com esperança. Acho que tem dignidade nessa mudança. São pessoas normais, são cidadãos, têm que ser tratados com dignidade, eu insisto nisso — afirma Eva Blay, socióloga e professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH/USP). — A questão que eles vivem é de terem invadido um terreno que não lhes pertence e, principalmente, que é um terreno coletivo. É um terreno dos estudantes, é um terreno da pesquisa que a gente vai ter que preservar. Esse espaço na ciência que a USP representa é um espaço que pertence a todos nós, então ele não pode se tornar uma propriedade privada, mesmo que seja de alguns moradores, no momento, em situação extremamente precária. Agora, é importante que essas pessoas saiam daqui como cidadãos, respeitados, e tenham oportunidades, alternativas, às vezes, até mesmo de comprar aquele tão almejado terreno. O processo todo é tratado de uma maneira em que as pessoas optam, as pessoas escolhem. E a USP, através dessa comissão, garante uma política em que não haja supressão da liberdade dessas pessoas. Então eles estão mudando numa boa. Realmente, eu acho que é uma mudança para melhor, eu espero que seja.

Não há muitas informações por parte de moradores e ex-moradores sobre como esse apoio da comissão de fato se deu, mas o documentário cita alguns

exemplos, como o de Jailson Lessa. O morador, quando foi procurado pela equipe, afirmou que possuía um terreno em outro bairro e recebeu orientações para que pudesse finalizar a obra nesse terreno.

De acordo com o Diretor da Prefeitura do Campus da época, Emilio Haddad, esse apoio dado aos moradores atrapalhava a rotina.

— O Projeto Sudoeste, de fato, é um projeto que tem mais exceção do que rotina. Tudo é exceção, não tem regra. Então, por exemplo, a prefeitura tinha que cuidar das mudanças de pessoas. Eram fins de semanas inteiros, cinco caminhões trabalhando. Em certos momentos, demolir casas que estavam saindo. Então nós mandávamos pedreiros que faziam os trabalhos de obra pública [...]. Isso atrapalha. Atrapalha a rotina, e a gente tem procurado, sempre que possível, responder a esses desafios — afirma ao documentário.

A USP conseguiu remover parte dos moradores de seu entorno. A São Remo, no entanto, já era maior que as demais comunidades e, por isso, uma questão mais complexa. Com isso, não teve toda a sua extensão desocupada e ficou como algo a se resolver a longo prazo.

Na mesma época, a população foi à reitoria pedir ajuda com suas questões de moradia. Foi proposto, então, o cadastramento das famílias, com levantamento das condições de habitação e situação socioeconômica, a fim de resolver o problema. Esse cadastramento foi realizado em março de 1988.

Desde então, os sãoorremanos lutam pelo seu espaço. Fatinha mora na São Remo desde 1980 e conta que, diversas vezes, a ameaça de desapropriação do território existiu, mas a população sempre lutou contra.

— Várias vezes houve comentários de que iam tirar o pessoal, mas não conseguiram. Até porque o cara que era líder [da comunidade] fazia muitas passeatas.

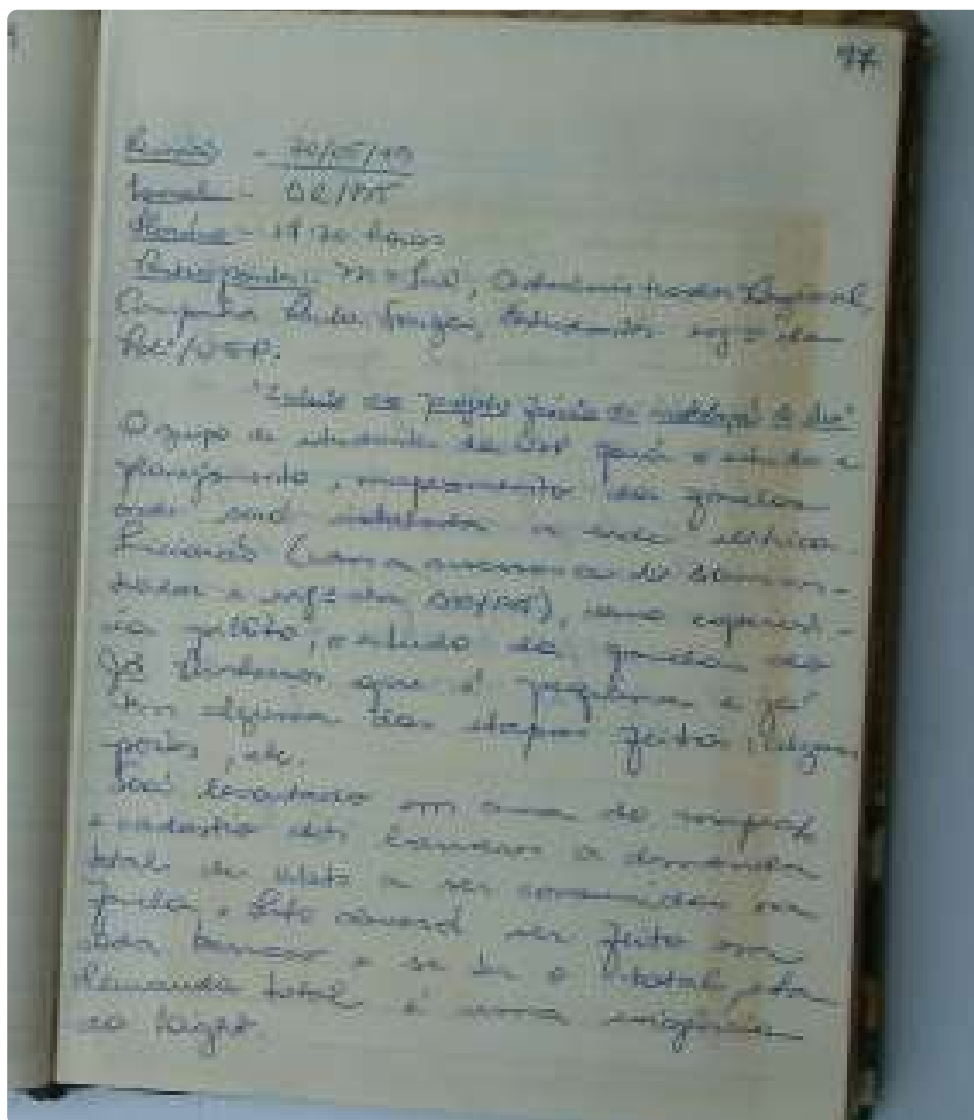
Além do pessoal daqui, ele convocava pessoal de outras favelas também, para a gente poder lutar contra isso, não sair daqui — conta Fatinha.

Além da própria população, de lideranças comunitárias e de favelas de outras regiões, os moradores da São Remo também afirmam ter contado, por muitas vezes, com o apoio de estudantes da USP.

— Sempre teve estudantes da USP na frente, ajudando. Então eles interferiram nessa tramitação de querer tirar, remanejar a comunidade. Aí passou o tempo, “desencanou” dessas ideias e ficamos — compartilha Fernando BN, também conhecido como Nandão, que é morador da São Remo desde 1977 e membro do grupo de rap Ideologia Fatal.

Segundo ele, o apoio dos alunos sempre esteve presente, inclusive no nascimento da comunidade. Ele conta que o lote em que sua mãe construiu sua moradia logo que mudaram para o bairro da São Remo foi doação de um estudante, que, na época, conhecia sua mãe por ser funcionária terceirizada da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE/USP). Além disso, ele afirmou ter recebido ajuda de estudantes também com mão de obra, insumos e mantimentos.

No Diário do Movimento de Favelas Unidas do Butantã, foi documentada a presença de voluntários estudantes da USP, principalmente da Escola Politécnica (POLI/USP), que ajudaram com a instalação elétrica na favela.



Trecho do Diário das Favelas Unidas do Butantã mostra a presença de estudantes da USP na reunião. Imagem: Reprodução/FAU USP

Quando questionado se a família recebia algum tipo de auxílio da própria USP, Nandão lembra que, naquela época, isso não acontecia, e que o apoio vinha somente dos alunos, que ajudavam com o que podiam.

Em 1998, em seu Plano Diretor, documento exigido pelo Governo do Estado para garantir as condições para o desenvolvimento das atividades na Universidade, a USP ainda buscava alternativas para a retomada do território ocupado pela São Remo. O documento afirma, ainda, que a Universidade não cederia permissão para a instalação de saneamento básico, uma vez que isso “consolidaria a invasão de terceiros em próprios da Universidade”.

ZONA DE USO 2.D - Áreas Remanescentes

Nesta zona de uso 2.D incluem-se os lotes desapropriados para uso da USP na quadra 9, recentemente invadidos, a favela São Remo e a área originalmente destinada ao D.E.R. - Departamento de Estradas de Rodagem e que atualmente está sendo utilizada informalmente pelo 16º Batalhão de Polícia Militar e pela 93ª Delegacia de Polícia. A respeito dessa última área já foram feitas recomendações a respeito no item 3.1 deste documento.

Quanto à favela São Remo permanece por resolver o impasse da situação causada por duas perspectivas:

- Foi feita desapropriação em favor da Universidade, *para instalação de usos acadêmicos*, porém como sobre estas áreas foram construídas habitações e estabelecimentos comerciais em alvenaria, o valor destas benfeitorias (que em alguns casos, acrescenta-se ao valor do terreno) torna impeditivo para o Estado ou a USP prosseguirem com o processo de liberação da área;
- De outro lado há uma questão social: os moradores não dispõem de saneamento básico porque a concessionária do serviço não recebe autorização da USP para instalar as canalizações, uma vez que esta benfeitoria seria mais um fator a consolidar a invasão de terceiros em próprios da Universidade ou desapropriados para seu uso.

Recomenda-se contactar a Fazenda do Estado e propor uma doação conjunta dos terrenos com título de domínio ou imissão na posse em nome da USP ou da FESP (conforme estimativa da PCO, cerca de 32.913 m² têm título de domínio da FESP; 13.805 m² título de domínio da USP, 2.960 m² imissão na posse - perdida - em nome da FESP e 20.029 m² sem imissão na posse) à Prefeitura Municipal de São Paulo. Seriam excluídos desta doação os terrenos ocupados pela Sabesp (título de domínio FESP), Secretaria do Menor / Circo Escola, e terrenos das quadras esportivas e do campo de futebol utilizados pelos moradores da favela São Remo (título de domínio FESP).

A PMSP é a instituição adequada para contornar algumas questões decorrentes da atual situação da favela São Remo, como reabertura de vias – o que envolve a remoção

Plano de Desenvolvimento Físico para a Cidade Universitária "ASO" – Documento preliminar (Nov./1998). Imagem: Reprodução/USP

Ainda que grande parte da população da São Remo tenha se mantido na região, os conflitos não cessaram. A presença de moradores da comunidade na USP era grande. As crianças frequentavam o campus para lazer, e os adultos para trabalhar.

— Quando eu era mais novo, adolescente, a gente brincava lá. A gente brincava na Praça do Relógio e no bosque. A gente circulava pela USP, tinha até circular de graça antigamente — relembra Nandão.

No entanto, de acordo com o Censo Vizinhança USP, “os muitos furtos e assaltos que ocorriam por lá eram atribuídos a essa presença regular dos moradores da favela”. Alguns relatos⁴ contam que, nos anos 1990, os conflitos com a guarda universitária se intensificaram, e alguns moradores relatam, também, terem sofrido preconceito dentro do campus por parte de estudantes.

Nesses relatos, um morador afirma que os são-remanos eram “aceitos e bem-vindos no campus para efetuar trabalhos de baixo prestígio e valor social, mas excluídos dos bens simbólicos de maior valor produzidos pela universidade”.

Dado esse cenário conflituoso, a partir de 1995 a USP instaurou diversas medidas que aumentaram a distância física com a São Remo, diminuindo a presença de moradores da favela no campus. Com um discurso que reivindicava maior segurança dentro da Universidade, a reitoria aumentou o investimento na guarda universitária e instalou diversas barreiras físicas, como catracas e portões com acesso restrito.

Mas o que foi talvez o maior símbolo da segregação entre a USP e a São Remo, o muro, teve sua construção finalizada em 1997. Separando fisicamente a Universidade da favela, o muro explicitou a desigualdade social que existia entre quem poderia frequentar o campus como estudante ou professor, e quem só entraria lá como trabalhador.

Existem, contudo, visões diferentes sobre como o muro impactou a São Remo. A Prof^a. Beatriz Rocha, que trabalhou por vinte anos em projetos de extensão da USP com a São Remo, acredita que o muro teve um impacto positivo na comunidade.

— A São Remo, como um todo, agradece a questão do muro, porque tinha muito esse medo de a USP tomar o terreno. Quando é feita a divisão, foi aí que a

4 Relatos encontrados na pesquisa de Mariana Machado Rocha, de 2016, “Quando a favela é extensão da universidade: o Programa Avizinhar em meio às relações entre a USP e a São Remo”.

São Remo se desenvolveu bastante em qualidade da moradia, das ruas e saneamento. Assim, a São Remo teve um progresso grande, a subprefeitura do Butantã assumiu mais o bairro — declara a professora. — Essa coisa dessa relação que a USP tem com a São Remo é uma representação que as pessoas do lado de cá do muro têm. Mas lá é tranquilo, o muro foi uma coisa legal.

Já Nandão acredita que o muro surgiu pois a reitoria não queria que os moradores da comunidade frequentassem a USP.

— Esse reitor que construiu o muro não queria que a gente frequentasse a USP de jeito nenhum — afirma.

Fatinha explica que, após a construção do muro, as atividades de lazer que a comunidade realizava no campus diminuíram.

— Depois desse muro a gente não tinha muito acesso de final de semana. Só podia entrar quem ia trabalhar mesmo, entendeu? Eu achei ruim, porque era tão bom quando a gente podia passear, andar de bicicleta, era muito gostoso — relata a moradora.



Intervenção artística no muro com os dizeres “A maioria está atrás dos muros”. Imagem: Beatriz Sardinha

No mesmo ano em que foi finalizada a construção do muro, uma tragédia aumentou ainda mais a relação de desconfiança entre os moradores e a Universidade.

Após conflito com a guarda universitária, um jovem morador da comunidade foi encontrado morto dentro do campus. De acordo com reportagem da *Folha de S. Paulo*, o jovem Daniel Pereira de Araújo, de 15 anos, estava com oito amigos nadando na raia da USP, o que é proibido pela Universidade.

“Segundo seus amigos, dois seguranças em motocicletas chegaram ao local para expulsar as crianças. Dois garotos conseguiram fugir. Outros seis afirmam ter sido espancados com galho de árvore por um dos seguranças.

Exames de corpo de delito feitos pelo Instituto Médico Legal confirmam que quatro dos garotos foram agredidos. Os garotos afirmam ter visto Daniel correndo paralelamente à raia olímpica, sendo perseguido por um segurança em uma moto. Foi a última vez que Daniel foi visto vivo.”⁵

Três dias depois, quando o corpo foi encontrado, os amigos e familiares questionaram.

— Não é possível que o corpo tenha sido encontrado de madrugada, em um lugar totalmente escuro e que já tinha sido vasculhado pelos bombeiros e pela polícia — questionou a irmã de Daniel à *Folha de S. Paulo*.

O laudo do Instituto Médico Legal atestou que a causa da morte foi asfixia mecânica por afogamento.

“A mãe do estudante, Lizete Pereira de Araújo, chorou ontem ao saber do resultado do laudo. ‘Eu não acredito nisso. Meu filho sabia nadar muito bem.’

5 Trecho retirado de reportagem da *Folha de S. Paulo* publicada em novembro de 1997 “Garoto é encontrado morto na USP”

O pai, João Batista Araújo, disse que quer ir até o fim para saber o que aconteceu com seu filho. ‘Se ele estava sendo perseguido por um segurança e se afogou, por que ele (segurança) não fez nada?’”⁶

O delegado responsável pelo caso afirmou que continuariam as investigações, mas os guardas responsáveis pelas agressões e perseguições nunca foram punidos e, inclusive, segundo relatos encontrados na pesquisa de Mariana Machado Rocha⁷, continuaram trabalhando na Universidade.

São remanos e moradores de outras favelas próximas realizaram manifestações, pedindo justiça por Daniel. A desconfiança da população na segurança do campus que, na época, eram guardas contratados pela própria USP, não era à toa. Muitos já tinham ouvido, visto ou vivido casos de agressões por parte dos seguranças da USP, como é o caso de Ericsson, que mora na São Remo desde que nasceu, há 39 anos.

— Os seguranças, mesmo sem ser policiais, tinham um poder de oprimir a gente, então era bem delicado. Tinha segurança até que dava uns “cascudos” — conta o morador da São Remo.

Para contornar os conflitos, a USP, apesar de não ter investido em políticas públicas voltadas à população, começou a financiar projetos de extensão que pudessem melhorar a relação entre a Universidade e as crianças e jovens da São Remo que frequentavam o campus.

É nesse sentido que, em 1998, surge o Programa Avizinhar. A Prof.^a Beatriz, educadora social de rua, foi chamada para participar da implantação do projeto. De acordo com ela, a proposta do projeto fez parte da campanha eleitoral do reitor Jacques Marcovitch.

6 Trecho retirado de reportagem da Folha de S. Paulo publicada em novembro de 1997 “Laudo diz que estudante morreu afogado”.

7 Relatos encontrados na pesquisa de Mariana Machado Rocha, de 2016, “Quando a favela é extensão da universidade: o Programa Avizinhar em meio às relações entre a USP e a São Remo”.

— A comunidade USP tinha uma relação conflituosa com as crianças que frequentavam o campus — conta a professora, lembrando o surgimento do projeto. — Por falta de conhecimento de como tratar a questão, um dos reitores lançou o Projeto Avizinhar, no sentido de melhorar essa relação e essa convivência com as crianças e adolescentes. Depois de um diagnóstico de quatro meses, [concluiu-se que] a maioria dessas crianças e adolescentes eram da Comunidade São Remo.

O projeto era composto por estudantes, professores e funcionários de diversas áreas da USP, que acolhiam as crianças e adolescentes que frequentavam o campus. Fazendo um levantamento da situação escolar e social dos jovens atendidos, o Avizinhar tinha como propósito a garantia de seus direitos com foco na valorização da escolarização, incentivando e oferecendo meios para o retorno formal à escola.

A iniciativa foi bem sucedida e durou oito anos. Segundo a Prof^a. Beatriz, o Avizinhar foi encerrado por questões políticas.

— Não sei — responde a professora, rindo, quando questionada sobre quais foram esses motivos políticos. — Foi uma escolha muito imbecil.

Violências e reurbanização



Favela São Remo. Imagem: Jorge Maruta/Jornal da USP

É consenso entre todos que falam sobre a relação entre São Remo e USP o fato de que foi – e ainda é – um relacionamento de altos e baixos. Na primeira década do século, não foram relatadas grandes questões entre os dois polos. A Universidade e a favela viveram uma relação harmoniosa, na medida do possível.

Os desentendimentos voltaram a surgir quando, em 2011, um morador da São Remo foi responsabilizado por uma tentativa de assalto que resultou na morte de um estudante. O episódio fez com que diversas medidas fossem tomadas para aumentar ainda mais a barreira com a comunidade.

Os portões que possibilitavam a passagem dos moradores para a USP passaram a ter restrição de horário, prejudicando, por exemplo, os trabalhadores que voltavam para casa mais tarde. Nesse mesmo período, o Conselho Gestor do

Campus aprovou a atuação ostensiva da Polícia Militar na Universidade. Relatos de moradores afirmam que a guarda universitária passou a ser mais rígida com os são-remanos.



Restrições de horário para a passagem pela Portaria de Pedestres São Remo. Imagem: Beatriz Sardinha

O reitor da época, João Grandino Rodas, foi o principal defensor da presença ativa da Polícia Militar no campus.

“Para mim, o fato de termos pequenos grupos de ativistas para quem falar da polícia é falar do diabo fez com que o conselho, nesses anos todos, achasse que o policiamento não é bom para a universidade. [...] A culpa é de toda a universidade, que deixa pequenos grupos pautarem essa discussão sobre segurança de forma distorcida. Nós todos matamos esse menino. Prefere-se correr o risco da violência a ser considerado direitista”⁸, afirmou o reitor em entrevista.

Simultaneamente, começou a ser debatida pelos representantes da universidade uma proposta de reurbanização da São Remo. Em junho de 2011, menos de um mês após a morte do estudante, a reitoria anunciou a formação de uma comissão para a reurbanização da favela.

8 Trecho de reportagem da *Veja São Paulo*, publicada em 20 de maio de 2011, “Nós todos matamos esse menino”, diz reitor da USP”.

No final do ano, de acordo com o *Jornal do Campus*, foi confirmado o início do projeto por meio do Boletim USP Destaques. Esses boletins não estão mais disponíveis para consulta. Ainda de acordo com o veículo, Silvio França Torres, secretário Estadual da Habitação na época, declarou que “a situação das comunidades São Remo, Carmine Lourenço e Morro da USP ‘não é compatível com a importância que tem a Universidade de São Paulo, com tudo que ela significa para o Estado e para o país’”.

Não houve comunicação ou transparência com os moradores e líderes da comunidade a respeito do projeto que se iniciava, o que causou grande insegurança na população. Moradores temiam que a iniciativa levasse à desapropriação de moradias, uma vez que a favela já não possuía espaço físico para grandes mudanças.

Ericsson conta que, ainda que as desapropriações na comunidade já não estivessem mais acontecendo, o medo continuou constante por muito tempo, já que, segundo ele, a “a favela se moldou nesse formato”. Fatinha completa dizendo que, durante os 44 anos em que viveu na São Remo, por muitas vezes teve medo de que a tirassem de lá.

— A gente fica com pé meio atrás porque é a USP contra a gente, favelado. A gente pensa que eles vão vencer porque a corda sempre arrebenta do lado mais fraco — diz a moradora.

Após tentativas de contato com a Universidade e discussões internas, a Associação de Moradores acionou uma plenária com os sãorremanos para se mobilizar e discutir o assunto.

— Sempre tinha o líder que falava com todos, mas era fundamental a presença das pessoas, dá força — relata Fatinha.



Associação de Moradores do Jardim São Remo

USP PROMETE REURBANIZAÇÃO DA SÃO REMO ALGUÉM FALOU COM VOCÊ SOBRE ISTO?

Os moradores da São Remo receberam, no final do ano passado, um boletim produzido pela reitoria da USP dizendo que a universidade, junto com o Governo estadual e a prefeitura municipal vão reurbanizar várias comunidades próximas, entre elas a São Remo. Uma surpresa. Ninguém sabe como será esta reurbanização. Ninguém da prefeitura, do governo ou da USP consultou a comunidade como deveria ser esta reurbanização.

Claro que todos querem a melhoria da São Remo. Porém, como diz o ditado, “quando a esmola é demais, o santo desconfia”. Principalmente quando se lembra de casos como a desocupação forçada do bairro do Pinheirinho, em São José dos Campos. A PM, a pedido da prefeitura de lá, chegou e tirou violentamente todos os moradores de lá para reurbanizar o local. Alegação: era uma ocupação irregular de um terreno da prefeitura. No boletim da USP, eles falam toda hora de “assentamentos irregulares”. Será que querem transformar a São Remo num novo Pinheirinho?

Para evitar isto, é preciso que os moradores da São Remo estejam unidos e mobilizados. Assim estamos chamando todos para uma PLENÁRIA GERAL, no sábado, dia 11 de fevereiro, às 14h00 no Circo Escola. VAMOS LUTAR PELO NOSSO DIREITO DE MORADIA. Se quiserem fazer um plano de reurbanização na São Remo, ele precisa ser discutido com a comunidade. Não vamos aceitar nada imposto goela abaixo.

PARTICIPE! DIA 11/02 – SÁBADO – 14h00 NO CIRCO ESCOLA

DIVULGAMOS AQUI UM COMUNICADO AMPLAMENTE ENVIADO PELA INTERNET

Houve dia 1º de fevereiro uma reunião na comunidade do Jardim São Remo, com o pessoal do Alavanca, da Associação e outras lideranças, para discutir o projeto de reurbanização da comunidade que a reitoria da USP anunciou que vai tocar. O boletim (<http://www.usp.br/imprensa/wp-content/uploads/USP-Destaques-47.pdf>), publicado pela assessoria de imprensa da reitoria e de circulação interna, foi distribuído na comunidade, fato inédito.

O que está deixando a comunidade preocupada é que NINGUÉM SABE que projeto é este. Estava presente a Bia, da Pró Reitoria de Cultura e Extensão, que coordenou um projeto de atendimento a São Remo (hoje extinto) e nem ela, que trabalha na PRCEU sabia dizer que projeto é este.

No boletim em anexo, fala que a reitoria instalou uma comissão que vai trabalhar em conjunto com as secretarias de habitação do estado e do município de São Paulo. O que faltou? Falar com a comunidade - ninguém lá sabe de nada, o que projeto é este.

O que me chamou a atenção no boletim é que a reitoria pretende elaborar projetos de urbanização em comunidades que estão no entorno da USP. Vejam a fala de uma das autoridades publicada no boletim (<http://www.usp.br/imprensa/wp-content/uploads/USP-Destaques-47.pdf>) (os grifos são meus):

“o secretário Estadual da Habitação, Silvio França Torres, destacou a questão da regularização dos assentamentos como parte integrante do projeto da Universidade. “Essa situação, efetivamente, não é compatível com a importância que tem a Universidade de São Paulo, com tudo que ela significa para o Estado e para o país e, principalmente, é uma oportunidade que lhe dará condições de desenvolver um trabalho melhor para aquela população e seu entorno”, considerou.

Pergunto:

- O que ele quer dizer que esta situação não é compatível com a USP? O fato de existir uma “favela” ao lado da universidade é incompatível? Sendo assim, há grandes riscos deste projeto de urbanização ser mais um processo de higienização, nos mesmos moldes que está sendo praticado na “cracolândia”, na desocupação à força do Pinheirinho, entre outros. Ou seja, a reurbanização significa construir um bairro com condições melhores, mas a custos que expulsem os moradores pobres de lá de forma que a universidade não conviva

Associação de Moradores convoca para a plenária. Imagem: Reprodução/Google Groups

22/03/2012 19h08 - Atualizado em 22/03/2012 19h08

Estudantes da USP fazem protesto contra reurbanização de favela

Ato é feito no final da tarde desta quinta-feira (22) em frente à Reitoria. Moradores da Favela São Remo também participam da manifestação.

Do G1 SP



Cerca de 200 pessoas, em sua maioria estudantes, participavam de um protesto em frente à Reitoria da Universidade de **São Paulo** no final da tarde desta quinta-feira (22). Segundo a Polícia Militar, a manifestação era contra um projeto de reurbanização da Favela São Remo, que tem parte do seu terreno dentro do campus.

De acordo com a universidade, o projeto consiste em reurbanizar as áreas ocupadas irregularmente pelas comunidades São Remo e Carmine Lourenço, que ficam na região oeste da Cidade Universitária. Além disso, a comunidade Morro da USP, no Sacomã, também deverá ser reurbanizada.

A Polícia Militar informou que eles também se manifestavam contra a expulsão de seis alunos da universidade, contra a presença da PM no campus e contra o Programa de Avaliação de Desempenho (Proad). A manifestação era considerada pacífica.

G1 noticia o ato como um protesto de estudantes. Imagem: Reprodução/G1



Estudantes e moradores protestam em frente à reitoria. Imagem: Reprodução/YouTube Rob Gbi

O apoio dos estudantes à comunidade nesse período foi ainda mais significativo. No início de 2012, mais de 100 alunos se juntaram aos moradores em ato contra a reurbanização, a precarização do atendimento do HU e pela volta da gratuidade dos ônibus circulares, que passaram a ser gratuitos somente para estudantes e funcionários públicos, não abrangendo os funcionários terceirizados, que são a maioria dos trabalhadores da comunidade.

Para além da presença nas manifestações, no mesmo ano um grupo de estudantes da USP, em conjunto com a Associação de Moradores, promoveu o Sarau do Trator. O evento teve como objetivo incentivar culturalmente crianças e jovens da comunidade, discutir a reurbanização proposta pela reitoria e possibilitar maior interação entre USP e São Remo.

O grupo universitário também realizou uma reportagem⁹ durante o evento, recolhendo depoimentos dos moradores a respeito das recentes questões com a

⁹ A reportagem pode ser encontrada no YouTube com o título “Reportagem São Remo - 3/6/2012 - Sarau do Trator.wmv”.

USP. As principais queixas dos moradores na reportagem foram a falta de transparência e o medo de serem retirados de seu território.

— As relações que existem são as muitas pessoas daqui que trabalham na USP como terceirizadas, em péssimas condições de salário, em péssimas condições de trabalho e não se beneficiam de todo o conhecimento que é produzido na USP — afirma Mariana, estudante da USP e moradora da São Remo, à reportagem do sarau. — Eu imaginava que a presença da USP aqui garantiria alguns direitos básicos para os moradores da São Remo, e não garante.

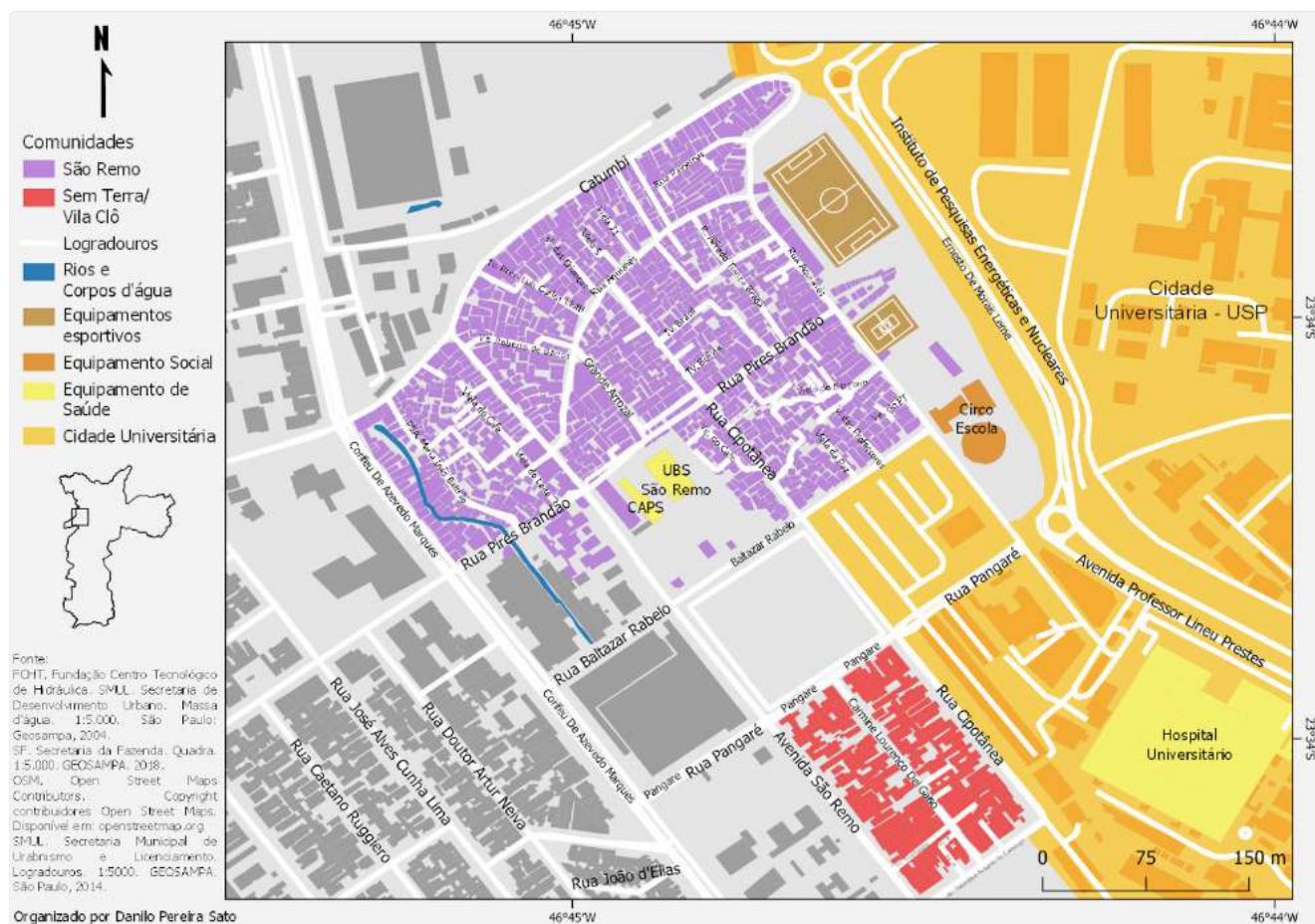
No final de 2012, diversos moradores foram surpreendidos com uma operação na comunidade que contou com aproximadamente 60 policiais da Rota e 40 da Polícia Civil, em busca de dois suspeitos pelo assassinato de um policial. De acordo com o *Jornal do Campus*, moradores da São Remo tiveram suas casas invadidas sem mandado e alguns foram agredidos por policiais. Após o episódio, a circulação de viaturas na comunidade foi constante por, pelo menos, um mês.

Esse acontecimento levou novamente a comunidade a se mobilizar. Ainda no escuro em relação ao projeto de reurbanização que, segundo publicações da USP, já estava em curso, os moradores reuniram as duas pautas e realizaram uma passeata que saiu da São Remo e foi até a Reitoria da USP. O ato contou com cerca de 300 pessoas, incluindo sãorremanos, estudantes e funcionários da USP, e reivindicava informações sobre a reurbanização, exigia que a população não fosse despejada e denunciava os abusos cometidos pela polícia com os moradores da região.

Após essa última mobilização, não houve mais nenhuma movimentação da universidade em relação à proposta, que não teve mais nenhum avanço.



A precarização da universidade



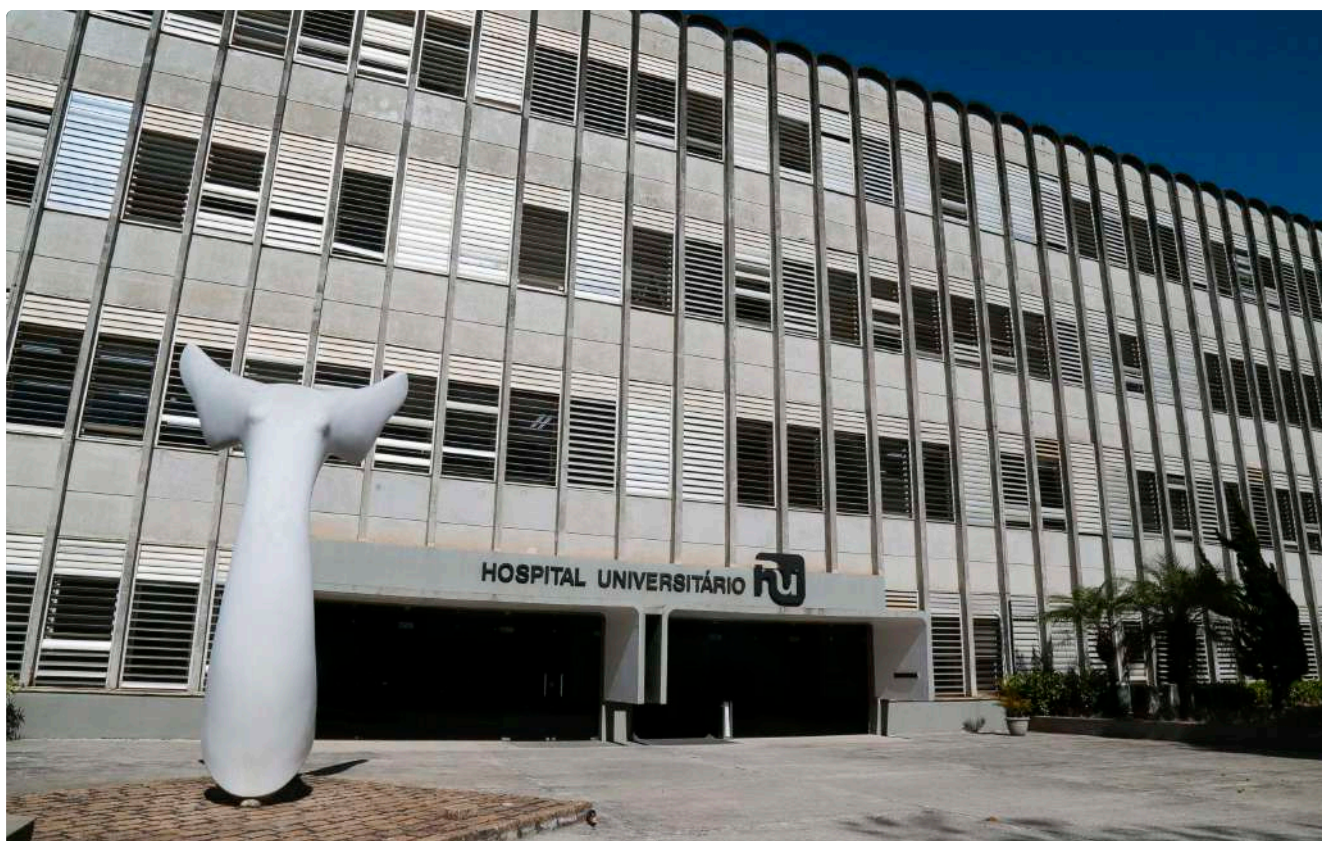
Mapa das comunidades próximas ao Hospital Universitário. Em 2021, a área vazia entre as ruas Baltazar Rabelo e Pangaré também foi ocupada. Imagem: Reprodução/Censo Vizinhança USP

A USP e a São Remo mantêm uma relação de altos e baixos, mas os baixos são, principalmente, sequelas de um passado problemático.

No Censo Vizinhança USP de 2020¹⁰, que coletou dados sobre as favelas São Remo e Sem Terra, a maior queixa em relação à vizinhança com a USP foi o atendimento oferecido – ou deixado de ser oferecido – no Hospital Universitário. As principais reclamações são sobre a precarização e a “restrição de acesso dos moradores ao hospital”.

10 O Censo Vizinhança USP é uma iniciativa do Instituto de Estudos Avançados da USP com apoio da Reitoria, e pode ser encontrado no site www.censovizinhanca.iea.usp.br.

“Algumas das frases registradas pela pesquisa, como ‘o HU não atende mais favelado’ e ‘o atendimento no HU não é mais o que era antes e isso é prejudicial para a comunidade’, denotam insatisfação com algumas mudanças que foram promovidas no hospital nos últimos anos, como o encerramento do serviço de obstetrícia e do pronto atendimento para casos não graves da comunidade externa à USP em 2017”, afirma o censo.



Hospital Universitário da USP. Imagem: Marcos Santos/USP Imagens

No documentário do Projeto Sudoeste, de 1987, a expansão do Hospital Universitário e sua função social foram justificativa para a desapropriação de diversos moradores do entorno.

— Nós temos algumas invasões aqui que são antigas. A destinação da área é, precipuamente para a expansão do Hospital Universitário — afirma Antonio Teixeira Jr, prefeito da Cidade Universitária na época. — Com isso, a Cidade Universitária volta a ocupar essa região para suas funções precípuas, o que, no fundo, é uma prestação de serviço para a comunidade.

Parte dessa desocupação da região próxima ao Hospital Universitário aconteceu e, de fato, o HU foi uma prestação de serviço importante para a USP e a população em seu entorno por um tempo. Mas a qualidade do atendimento, por muitas vezes, foi insuficiente. Em 2004, uma reportagem sobre reclamações dos moradores da São Remo a respeito do atendimento do HU já foi capa do *Notícias do Jardim São Remo* (NJSR), jornal produzido pelos alunos do primeiro ano do curso de Jornalismo da USP, que tem como foco editorial olhar para a favela da São Remo.



Descontentamento de moradores com o HU é capa do NJSR. Imagem: Reprodução/FAU USP

Uma década depois, o problema começou a aumentar rapidamente. O hospital vem sofrendo intenso sucateamento desde 2014 e, pelo menos desde 2018, atende, em casos não graves, somente integrantes da comunidade USP (docentes, funcionários, alunos de graduação ou Pós-Graduação) e dependentes cadastrados.

Em 2013, o HU realizava, em média, 17 mil atendimentos por mês. Nove anos depois, esse número caiu para 5 mil¹¹. Essa defasagem no atendimento tem sido percebida pelos moradores da São Remo, mas a falta de informações sobre a situação do hospital faz com que esses pacientes descubram tardiamente, no momento em que necessitam do atendimento.

— Antigamente, nossa, era muito bom — lembra Fatinha ao ser questionada sobre o atendimento no HU. — Mas depois de um tempo, não sei explicar o que aconteceu, que não estão atendendo mais não. Chega lá e só se estiver nas últimas eles atendem.

A comunidade tem reivindicado melhora nesse atendimento, como conta Nandão.

— Estamos lutando para o Hospital da USP voltar. Ele é muito bom, sempre foi solícito conosco — relata —, mas hoje em dia ele está defasado. Está sucateado e não atende muito a nossa população aqui.

11 Informação encontrada em matéria da seção Atividade Parlamentar da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, publicada em 24 de março de 2023, “Reitor da USP e superintendente do Hospital Universitário devem explicar redução de atendimentos”.



Em 2011, estudantes da USP e moradores da São Remo realizaram intervenções artísticas nos muros que separam os dois territórios. Imagem: Beatriz Montesanti/Jornal do Campus

Outro incômodo recorrente dos moradores da São Remo em relação à USP que apareceu no censo está relacionado às restrições ou dificuldades de acesso à Cidade Universitária. Segundo a pesquisa, a existência de portões para controle da circulação de pessoas e veículos no campus e o acesso liberado somente com carteirinha da universidade em determinados dias e horários são uns dos principais pontos de conflito entre a universidade e sua vizinhança periférica.

— Antes do muro, as crianças ficavam na USP. Eu aprendi a andar de bicicleta na USP, todas as crianças da minha idade aprenderam assim, até que fizeram o muro — relata Reginaldo, morador da São Remo e presidente do Projeto Alavanca Brasil, que busca “promover, por meio de oportunidades educacionais, a inclusão social, econômica e cultural de forma integrada para crianças e adolescentes da Comunidade São Remo e adjacências”.

— Esse muro aí só interfere na nossa passagem. Eles não queriam que a gente frequentasse a USP de jeito nenhum — conta Nandão.

Os problemas da própria universidade também afetam o seu entorno. De acordo com a Prof^a Beatriz Rocha, a maior falta da USP em relação à sociedade e, principalmente, à São Remo, são os programas de extensão universitária. Essa falta é resultado do corte de verbas que a educação pública vem sofrendo ao longo dos últimos anos, com redução de bolsas e atividades de extensão.

— A missão da universidade é trabalhar na questão da extensão, atender as demandas que a favela tenha. Então essa é a grande crítica, isso não existe mais. Existem ações muito frágeis — denuncia a professora. — A importância da extensão Universitária, para além para além da diferença que ela vai fazer neste território, é a formação dos alunos.

Em 2013 a professora, que já possuía experiência na comunidade com o Projeto Avizinhar, liderou outro projeto de extensão, realizado no âmbito da Pró-Reitoria de Cultura Extensão, que atuava na São Remo, o Aproxima-Ação. Com objetivos semelhantes aos do Avizinhar, o projeto atuou com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, focando na garantia de seus direitos. Além disso, também buscava estabelecer um canal de comunicação entre ações e projetos da USP e as demandas da comunidade.

A Prof^a Beatriz explica que esse projeto foi encerrado por interesse político da universidade.

— A extensão universitária não existe mais na USP, o Aproxima-Ação só existiu por uma resistência nossa. Ele foi enfraquecido desde 2018, queriam acabar com ele e conseguiram. Acabou por interesse político da universidade, da última gestão reitoral. Foi proposta da Pró-Reitora [de Cultura e Extensão] acabar com o Aproxima-Ação porque eles não gostavam muito dessa relação [com a comunidade], achavam desnecessária. Uma vez que as crianças e adolescentes no campus já não eram um fato que incomodava tanto quanto quando elas eram

mais presentes, como não existia nada que perturbasse o sossego da comunidade uspiana, para eles não havia necessidade de continuar essa relação ativa.

Ericsson relata que os moradores da São Remo também percebem essa falta.

— Antigamente tinha mais projetos de extensão, eles traziam mais a população para dentro da USP — conta. — Tinha projetos sociais que fomentavam a educação, cursos profissionalizantes. Hoje em dia não tem mais isso. E, se tem, está distante da comunidade. O diálogo não está tão próximo que nem era lá atrás.

Fora isso, existem também diversas distâncias simbólicas. Ericsson afirma que a USP afasta os moradores de diversas formas.

— Hoje em dia não é só o muro. Hoje em dia separa um pouco mais, para falar a verdade. Não tem tantos atrativos, eles dificultam de toda forma possível para que a gente não utilize o espaço — relata o morador, que nasceu no HU. — Os portões que antigamente eram liberados, hoje em dia não são mais liberados. As pessoas que reivindicam isso. Se você entrar nos portões aqui do lado da São Remo, eles têm um sistema como se fosse meio de prisão. Eles colocam um cadeado, então, em determinados horários o acesso não é viável. As cabines dos seguranças da parte aqui de baixo entre a São Remo são blindadas. Tem toda uma estrutura que afasta.

Ele acredita que, com isso, a universidade deixa de cumprir o seu papel como universidade pública.

— Apesar de ser um espaço público, a alegação é que não é um espaço público para a população. Se você for ver hoje, a maioria das partes dos cursos da universidade são cercadas. São poucos espaços que não são cercados hoje em dia, então não é um espaço público mesmo, para a população.

Recentemente, a prefeitura do campus iniciou, em conjunto com estudantes e professores de pós-graduação da FAU, o Projeto Participativo de Ação Territorial São Remo, que busca analisar quais são os pontos de reestruturação necessários na comunidade, a fim de realizar essas reformas. O objetivo é obter melhor integração espacial do campus Butantã com a São Remo e propor melhorias territoriais para a comunidade. O projeto ainda está na etapa de diagnóstico.

Reginaldo destaca que essa é uma iniciativa da prefeitura do campus, que tem buscado se aproximar da comunidade, diferentemente da reitoria, que se mantém mais neutra em relação à São Remo.

A quem se propõe a universidade pública

Uma das maiores e mais importantes iniciativas recentes realizadas pela USP na São Remo foi o Censo Vizinhança USP. O projeto teve como objetivo geral “produzir dados sobre a realidade desses espaços periféricos a fim de subsidiar a identificação de suas demandas sociais”.

Ericsson, que participou do censo como apoiador, conta que precisou intervir em muitos casos durante a pesquisa, pois os moradores tinham receio de compartilhar seus dados com a universidade.

— Muitos não queriam responder ao censo justamente porque eles estavam com receio. A gente teve que intervir em muitas situações. Eles não queriam passar os dados porque, na cabeça deles, a USP estava querendo ter a contagem para depois tirar todo mundo.

Justamente por ser um censo personalizado para as favelas vizinhas à USP, o censo abrange pontos importantes que não costumam ser abordados nesse tipo de pesquisa. Com isso, porém, escancara a falta de acesso dos moradores das comunidades vizinhas à USP.

De acordo com a pesquisa, atualmente a São Remo ocupa uma área de cerca de 80 mil metros quadrados, sendo parte propriedade do estado e parte propriedade da USP. Dentro desse terreno existem 2.496 domicílios e 7.363 moradores.

Dessas mais de 7 mil pessoas, somente 28, ou seja, 0,4%, são ou já foram estudantes de cursos de graduação ou pós-graduação na USP. O censo destaca, ainda, que parte dessas pessoas só passou a morar na São Remo após se tornar estudante da USP, devido à proximidade entre os dois territórios e o custo de vida mais barato.

— É muito triste você saber que está numa comunidade do lado da maior universidade da América Latina e o percentual de estudantes dessa comunidade não chega nem a 1% — afirma Ericsson.

Esses dados mostram que, apesar de ser pública, a USP ainda é pouco acessível à periferia. A presença de sãorremanos nos cursos de graduação da universidade é tão rara que, em 2007, quando um morador da São Remo ingressou em um curso de graduação na USP, o fato virou até notícia no Notícias do Jardim São Remo.

comunidade. [Do latim *communitas*] S. comunhão, concordância, continuidade, harmonia, sintonia, grupo, etc. Seus membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão imbuídos por uma mesma herança cultural e histórica.

6 Comunidades

Um sãorremano na História da USP

Após quatro tentativas, Vevê ingressou no curso de História da USP em 2003 e tornou-se exemplo de superação

JORDANA NAIMURA



Evermando Santos Santana, o Vevê: sorridente, ele fala sobre sua experiência na USP

FRANCISCOLAURENTIS

Começa em breve a temporada de vestibulares de final de ano. Estudantes de todo o Brasil vão testar seus conhecimentos nas provas que dão acesso às universidades públicas e particulares do país. Entre os vestibulares mais concorridos, está a prova da Fuvest, para estudantes que desejam ingressar na USP (Universidade de São Paulo), maior universidade pública do país. Conquistar uma vaga na universidade não é trabalho fácil. Mas um sãorremano em especial mostrou que, com muito esforço e dedicação, a batalha do vestibular pode ser vencida.

Evermando Santos Santana, 29, conhecido como Vevê, mora no Jardim São Remo desde pequena. Trabalha no bairro como agente de saúde, fazendo visitas às casas da população e auxiliando na prevenção de doenças. Mas Vevê divide o trabalho com outra atividade, sua grande paixão: ele estuda História na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Para conseguir a vaga na universidade, porém, teve que superar a falta de informação, os problemas financeiros e sua própria falta de compromisso com os estudos.

Vevê estudou a vida toda em escolas públicas na região do Butantã. Assim que terminou o Ensino Médio, em 1996, queria arranjar emprego o mais rápido possível. Desconhecia, e também não se interessava em conhecer, a opção de estudar na universidade, apesar de viver ao lado de uma. As coisas mudaram quando sua namorada - hoje, sua esposa - engravidou. Vevê buscou informações sobre como poderia estudar na USP, e conheceu o vestibular da Fuvest. Ingressou, então, em um curso pré-vestibular no Butantã, o "Aprove". Teve muitas dificuldades. Sentiu que teria que estudar muito para tirar o

atraso de seu Ensino Médio. Ao fazer a prova no final do ano, não teve sucesso. Mas isso não o impediu de continuar. Nos anos seguintes, fez diferentes cursinhos pré-vestibulares e estudou muito, apesar de também ter de trabalhar. Em 2003, após sua quarta tentativa, foi aprovado no vestibular da Fuvest. Seu esforço havia sido recompensado: ele era o mais novo aluno da USP.

Logo no primeiro semestre da faculdade, Vevê percebeu que as coisas iam continuar difíceis: tinha que conciliar seus estudos com seu trabalho, e isso não seria nada fácil. Pensou em abandonar a universidade, mesmo depois de tanto esforço para estar lá. A solução foi tentar uma bolsa universitária. Vevê inscreveu-se para receber a bolsa do Grupo Volkswagen. E, mais uma vez, conseguiu.

Com o tempo, Vevê descobriu tudo o que seu curso tinha para oferecer. Dedicou-se aos estudos, leu muito, pesquisou, fez trabalhos e seminários. A paixão pela História cresceu. Ele pretende formar-se em meados de 2008, e quer seguir carreira acadêmica. Já planeja até mesmo seu aprofundamento: quer estudar a Ditadura Militar brasileira e a memória de quem viveu naquele tempo. Planos ambiciosos para quem um dia pensava apenas em terminar o colegial e arrumar um trabalho qualquer. O esforço de Vevê para entrar na universidade abriu muitas portas para o sãorremano. Hoje, ele é muito feliz com a escolha que fez: "Minha graduação vem sendo fascinante. Tive contato com muitos teóricos, abri muito a cabeça. Estou gostando demais". E ele garante, não vai parar de estudar. "Tomei gosto pela coisa" diz Vevê, um grande sorriso estampado no rosto.

Fuvest incentiva ingresso de estudantes carentes

Quando Vevê prestou o vestibular da Fuvest, ainda não existiam programas de inclusão social nas universidades. A partir de 2006, a USP deu início ao Inclusp, o Programa de Inclusão Social da USP, que aumenta em 3% as notas das duas fases de Fuvest para alunos do ensino público. Diversas universidades do país passaram a abrir programas de cotas para afrodescendentes, indígenas, entre outros, visando inserir as camadas carentes da sociedade nas universidades públicas.

Questionado sobre esses programas, Vevê foi enfático ao aprová-los: "Concordo plenamente com essas iniciativas. Para mim, inclusive, a ajuda do Inclusp de-

veria ser ainda maior, uns 5%". Ele ainda elogiou o ProUni (Programa Universidade para Todos), programa que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda. "Isso [ProUni] está incentivando cada vez mais o pessoal do São Remo a querer entrar na universidade, mas é apenas parte da solução, um início. Tem que haver comprometimento de todos com a educação, temos que ajudar as escolas públicas". Ele revelou como quer ajudar: lecionando história em escolas públicas. "Somente com efetiva participação nossa no cotidiano dessas escolas é que conseguiremos colocar os jovens nas universidades", diz o futuro professor.

NJSR noticia a entrada de um sãorremano na USP. Segundo a reportagem, Evermando passou quatro anos tentando ingressar na universidade. Imagem: Reprodução/FAU USP

A desigualdade social e econômica cria barreiras que dificultam o acesso ao ensino superior de qualidade. Segundo dados do censo, dentre os sãorremanos que frequentam ou frequentaram pelo menos o ensino fundamental, 96% estudaram em escolas públicas. Não há informações sobre quais são essas escolas, mas é comum que, principalmente em escolas públicas próximas a bairros periféricos, a qualidade do ensino seja precária, contrastando com o alto nível exigido pelos vestibulares do ensino superior público.

Outro obstáculo é a necessidade de muitos jovens da periferia de conciliar os estudos com o trabalho. Em famílias de baixa renda, é comum que os jovens precisem contribuir financeiramente desde cedo, o que reduz o tempo disponível para se dedicarem exclusivamente aos estudos, comprometendo o desempenho acadêmico e a preparação para os vestibulares.

As políticas da Lei de Cotas, às quais a USP, em 2017, foi a última universidade do país a aderir, têm contribuído para o aumento do número de estudantes de baixa renda na universidade, mas, ainda assim, não são suficiente para que sua vizinhança periférica ocupe esse espaço de forma significativa.

Fora as questões educacionais, a falta de representatividade também é relevante. Não ver pessoas da comunidade estudando em universidades públicas causa um distanciamento entre a favela e a universidade. Isso se manifesta tanto em relação à descrença na própria capacidade de chegar em um lugar em que poucos em seu entorno chegaram, como também à falta de informação sobre a universidade. Os relatos presentes na tese de mestrado de Mariana Rocha, “Quando a favela é extensão da universidade”, mostram que alguns moradores da São Remo, por muito tempo, não souberam que a USP era uma universidade ou que era uma universidade pública.

Elen, moradora da São Remo entrevistada por Mariana, conta o seu caso. “Eu não tinha dimensão, assim, do que era a USP. Por ser uma faculdade, né, na proporção que ela tem. Pra gente era como se fosse um... um parque, um espaço de lazer... Que ali a gente podia, na época ali, o relojão [praça do relógio] tinha um

campo de futebol... Meu pai tinha um time de futebol, ele jogava, todo final de semana ia treinar lá no relógio... Era gramado, tinha trave, tinha tudo. Então pra gente, assim, antigamente, não tinha essa dimensão de faculdade. Era mais uma questão de... espaço de lazer mesmo, como se fosse um Villa Lobos, um Ibira-puera da vida... Hoje em dia a gente cai na real, né, do que é a USP em si. Porém, assim, para a gente é assim... vou dizer assim, para mim... é um mundo ainda meio que distante [...] para mim está longe de ser uma faculdade pública para pessoas... de baixa renda, pobres, né? Ou seja, pessoas da comunidade, ou que não seja, mas tenha uma renda inferior... porque pelo que eu vejo ali, geralmente é mais filhinho de papai que tem ali dentro... Você jamais vai ver um pobre daqui da São Remo chegando lá na USP com um carrão... É ali, é nítido que... você vê que... tem gente que cursou em escola particular que fez cursinho bom... então pra mim a USP hoje em dia assim... é um sonho meio que distante eu sinceramente eu queria muito ter oportunidade de fazer arquitetura na USP... mas eu vejo que pra mim isso está meio que distante.”

Fora os cursos de graduação e pós-graduação, apenas 267 moradores da São Remo realizam ou já realizaram algum tipo de curso na USP. Esse número inclui 4 pessoas que estudam ou estudaram na USP na educação infantil (creche), 51 na educação básica e 212 em atividades de extensão ou cursos livres. A informação ressalta, mais uma vez, a importância das atividades de extensão, que têm sido reduzidas, para o relacionamento entre a universidade e a favela.

Além dessa outra modalidade de cursos, a USP também oferece diversos serviços e atividades, como serviços médicos, atividades físicas e atividades ou espaços de lazer. Esses, que não necessariamente são oferecidos pela USP, muitas vezes, são abertos à população. No entanto, a pesquisa do censo afirma que somente 11,7% dos sãoorremanos acessa esse tipo de serviço ou atividade.

Segundo o censo, “em termos de impacto cultural, o papel da USP em São Remo e Sem Terra ainda é pequeno diante da capacidade de atendimento com 30 bibliotecas existentes e 7 museus de visitação gratuita no campus da Cidade Universitária, além das dezenas de iniciativas de extensão cultural oferecidas”.

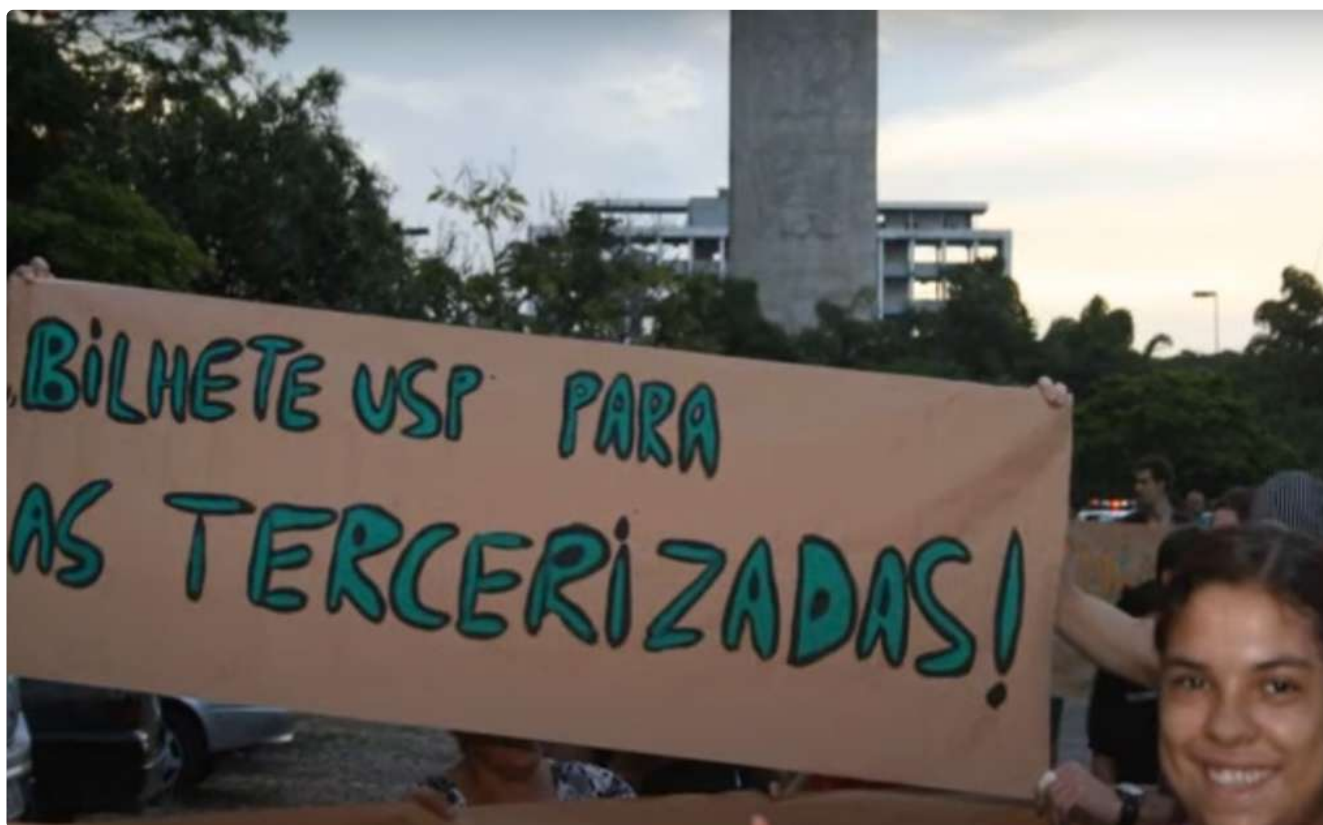
— A gente não pode ter os nossos dentro do espaço que é deles. A universidade é pública, e a gente está tão perto e ao mesmo tempo tá tão longe. É uma questão de informar e tentar trazer mais esses adolescentes para dentro do espaço. Só que, a USP, a gente vê que ela não faz nada para que isso aconteça — relata Ericsson.

O maior vínculo entre a São Remo e a USP é, na verdade, empregatício. Os dados coletados no censo mostram que 30,6% da população economicamente ativa da comunidade trabalha ou já trabalhou na USP. Desses, cerca de 73% são terceirizados, modelo de trabalho que é considerado um dos mais precários atualmente.

No Boletim de Áudio n. 06/23 do Sindicato dos Trabalhadores da USP (SINTUSP) é denunciado o fato de que o trabalho terceirizado, que, atualmente, emprega principalmente pessoas negras, oferece baixos salários e possui contratos de trabalho tão precários que chegam a atrasos de pagamento e péssimas condições de trabalho.

No boletim, o Prof. Ricardo Antunes, professor de sociologia da UNICAMP que possui diversas publicações a respeito da sociologia do trabalho e a classe trabalhadora, afirma que o principal elemento que leva à escravização do trabalho é a terceirização.

Além das condições precárias, na USP, desde 2012, os trabalhadores terceirizados não possuem acesso gratuito aos ônibus que circulam pelo campus, tendo que, muitas vezes, se locomover a pé. Todos os outros trabalhadores e estudantes da universidade possuem acesso livre aos ônibus circulares.



Estudantes e moradores protestam em frente à reitoria em 2012. Uma das reivindicações era o acesso gratuito aos ônibus circulares. Imagem: Reprodução/YouTube Rob Gbi

Apesar de a USP não ser a empresa que assina os contratos de trabalho dos funcionários terceirizados, e, portanto, não ser responsabilizada pelas condições de trabalho desses funcionários, ela é responsável pelo tipo de contratação que escolhe para suprir as necessidades primordiais para o seu funcionamento, como segurança, limpeza e outras funções desvalorizadas. A terceirização tem sido uma ferramenta amplamente utilizada por empresas para se omitir em relação às problemáticas trabalhistas que acontecem dentro delas mesmas.

Todos esses dados demonstram que, ainda que a vizinhança com a USP não cause grandes incômodos à maioria dos moradores da São Remo – segundo o censo, apenas 18,1% apresentam algum tipo de incômodo –, ainda há muito a ser trabalhado na relação entre os dois territórios.

O próprio censo afirma que, “ao mesmo tempo que esses dados sinalizam que a proximidade geográfica não soluciona, por si só, distâncias simbólicas his-

tóricas entre moradores de periferias e favelas e a universidade pública, também indicam um potencial a ser explorado na construção de relações entre a USP e seu entorno periférico. Esse baixo acesso dos recenseados à universidade pode estar ligado à própria dinâmica de atuação da USP de não priorizar ações específicas para e com a vizinhança, assim como ao desconhecimento ou desinteresse dos moradores do entorno com relação às atividades e aos serviços oferecidos na Cidade Universitária”.

Explorar esse potencial é, no entanto, essencial para que a universidade pública cumpra seu papel. Enquanto a USP discute o impacto social das universidades públicas paulistanas¹², buscando aumentar o retorno dessas universidades à sociedade, mal oferece retorno para a parcela da sociedade que vive a poucos metros de distância de seu maior campus.

As ações que existem atualmente na São Remo, para a São Remo ou sobre a São Remo na universidade vêm, em grande maioria, de iniciativas de professores e alunos. Essas, ainda que pequenas, têm sido o principal elo entre os dois territórios. A Prof^a Beatriz, no entanto, chama atenção para o cuidado que é necessário ao realizar essas ações.

— A universidade atravessa muito a favela. Acho que todo mundo quer fazer, todo mundo quer entrar lá, sem uma responsabilidade social com essa intervenção. Você intervir num território pressupõe muita responsabilidade. Você invade a casa das pessoas, a vida das pessoas e depois não dá conta e vai embora. Essa relação que a que a USP estabelece, estabelecia mais, é uma relação bastante complicada, de ações irresponsáveis.

Em entrevista ao *Jornal da USP*, Hernan Chaimovich, ex-presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), afirma que “as universidades públicas, ‘especialmente no Brasil, têm uma responsabilidade única de produzir conhecimentos e fazer com que esses conhecimentos tragam benefício social, intelectual e econômico para a sociedade’”. Chaimovich

12 O projeto Métricas.edu, liderado pela USP, tem como objetivo reunir e monitorar todas as propostas de transformação institucional produzidas pelas turmas do Curso Métricas

ainda afirma que “acreditar que a USP é da elite é ignorar a composição, propósito e realidade da Universidade de São Paulo”.

Essa opinião não vem somente de especialistas. Os moradores da São Remo também acreditam que a USP ainda falha em seu papel social, especificamente quando trata da favela que fornece mão de obra à universidade há, pelo menos, 60 anos.

— As pessoas que moram aqui são as pessoas que construíram e as pessoas que servem hoje dentro do campus, a mão de obra dentro do campus são pessoas de dentro da comunidade. Se não tivesse essas pessoas daqui de dentro, não teria mão de obra para sustentar [a universidade] da forma que precisa. Acho que a USP tem sim uma responsabilidade grande aqui com o território, principalmente com a São Remo — afirma Ericsson. — E eles deixam a desejar principalmente com a extensão, pois os projetos de extensão só favorecem a USP, e não favorecem a comunidade — completa.

Fatinha acredita que a USP não reconhece o fato de que grande parte de sua mão de obra vem da USP. “Se não, ofereceriam um apoio, alguma coisa”, declara a moradora.

O potencial não explorado

A USP é mantida pelo Governo do Estado de São Paulo e, portanto, deve atender à sociedade como um todo, e não apenas uma parcela dela. De acordo com Mariana Rocha, é preciso que ela “cumpra sua missão social, fazendo com que o ensino, a pesquisa e a extensão universitária desenvolvidos no seu interior sejam para todas as pessoas, sobretudo aquelas que foram historicamente invisibilizadas e excluídas do ponto de vista educacional, social, étnicoracial e econômico”.

Muitos são-remanos consideram a São Remo um bom lugar para se viver e é preciso reconhecer que parte disso vem da vizinhança com a USP. O local conta com fácil acesso a transporte público, oferta razoável de vagas de emprego, um hospital público – que, atualmente, não atende a comunidade da forma que ela demanda, mas há não tanto tempo assim, atendia –, fora as ações de apoio organizadas por professores e estudantes, que geram benefícios à comunidade quando feitas com responsabilidade, como é o caso, por exemplo, do jornal *Notícias do Jardim São Remo*, realizado no curso de Jornalismo da USP, e do Projeto Saúde Única em Periferias, realizado no curso de Medicina Veterinária da USP.

É comum que, quando perguntados sobre a vizinhança com a USP, os moradores da São Remo não tenham grandes queixas. No censo, apenas 18,9% dos moradores responderam “sim” para a existência de incômodo relacionado à vizinhança com a USP. No entanto, quando perguntados a respeito do muro, do medo de desapropriação e sobre se sentirem ou não bem-vindos dentro da USP, as respostas dos são-remanos com quem conversei foram unânimes. Nenhum deles sente que a USP dá o retorno para a comunidade como deveria e, na verdade, o movimento mais frequente vindo de dentro da universidade é de afastamento.

É necessário e urgente que a USP, como instituição, planeje mais ações que beneficiem a comunidade. A Prefeitura do Campus USP da Capital tem, aos poucos, buscado implementar algumas ações, como a Central de Triagem de resíduos recicláveis, que está sendo construída atualmente na São Remo, e o Projeto Participativo de Ação Territorial São Remo. Essas ações estão em fases iniciais e possuem potencial, mas não serão a solução. Ainda há um longo caminho a ser percorrido, trabalhando a circulação de pessoas no campus, o atendimento no Hospital Universitário, o modelo de contratação de funcionários para funções de baixo prestígio e a inclusão de estudantes e professores periféricos na universidade.

Atualmente, segundo Reginaldo, a Prefeita do Campus USP da Capital, Prof^a Raquel Rolnik, demonstra disposição para trabalhar essa relação com a comunidade, enquanto o Reitor Carlos Carlotti, está “em cima do muro”. Ainda que essa posição seja melhor do que a de muitas gestões anteriores, ainda não é suficiente.

A relação entre a melhor universidade da América Latina e a favela que a construiu tem, portanto, melhorado, mas ainda não é ideal. É necessário que toda a gestão da universidade seja ativamente a favor de mudar a história dos últimos mais de 60 anos para construir um vínculo que de fato reconheça a importância da São Remo e dos sãoorremanos para a USP. Somente dessa forma a universidade pública estará, de fato, cumprindo o seu papel na sociedade e valorizando aqueles que a construíram e, até hoje, constroem.

Agradecimentos

Esse trabalho não teria sido possível sem as muitas pessoas que, de uma forma ou outra, me fizeram quem sou e me deram todo o apoio – algumas, até, sem saber – que puderam para que eu chegasse até aqui. Se eu fosse citar todas elas daria mais um livro, então citarei somente as que tiveram papel mais ativo na minha trajetória na graduação. Meu agradecimento não é suficiente para retribuir tudo o que fizeram por mim, mas, aqui vai uma tentativa.

Agradeço à minha mãe, Paula, que me ensinou a ser quem sou. Se estou me formando uma mulher independente e resiliente, é porque há 24 anos ela me dá o exemplo. E, se estou entregando esse trabalho, é porque ela não mediu esforços para segurar por mim todos os pratos que tive que soltar para me dedicar a ele.

Ao meu pai, Fernando, que se formou nesta universidade antes de mim e sempre me mostrou o quanto a educação é valiosa. Eu estudei na universidade dos meus sonhos, e isso não teria sido possível sem o incentivo e apoio dele.

Às minhas gatas. À Agnes, que, mesmo sem saber, me manteve firme em tantos momentos. À Margô, que se foi há alguns meses, mas deixou comigo muito dela. É uma honra e uma grande alegria ser a humana favorita de vocês.

À toda minha família, minhas irmãs, meus avós, tios e primos, que sempre me incentivaram e estiveram na torcida por mim. Aos meus amigos de sempre da zona norte que, mesmo com a distância, nunca deixaram de vibrar por mim.

À, BaterECA, que apesar de nem sempre receber o apoio da universidade, foi, para mim, um grande instrumento de permanência na graduação e me ensinou

não só o samba, mas também muitas outras habilidades que levo para a vida profissional e pessoal.

Aos amigos que fiz durante a graduação. Ao Edson e o Gabriel, que estiveram comigo desde o dia um. À Luana e a Karolina, que me ajudaram nesse trabalho e na vida mais do que podem imaginar. À Isabella, a Beatriz e a Mara, que são as minhas melhores amigas e me salvaram tantas vezes. Que bom que a USP não me deu só o Jornalismo, e foi generosa o suficiente para me dar vocês.

Ao meu orientador, Professor Dennis, que ensinou a mim e a tantos outros estudantes que o Jornalismo também deve ser para aqueles que, muitas vezes, são esquecidos.

À comunidade da São Remo, por resistir. Ao Reginaldo, Fatinha, Nandão e Ericsson, por estarem dispostos a me contar suas histórias e acreditarem no potencial do meu trabalho.

Referências

ARAGAKI, Caroline. Universidade pública tem papel social, intelectual e econômico. **Jornal da Usp**. São Paulo, p. 1-1. maio 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/universidade-publica-tem-papel-social-intelectual-e-economico/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

ASSESSORIA DO DEPUTADO CARLOS GIANNAZI. Reitor da USP e superintendente do Hospital Universitário devem explicar redução de atendimentos. **Assembleia legislativa do Estado de São Paulo**, [S. l.], p. 1, 3 jul. 2024. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=447863>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BERGAMASCO, Daniel. “Nós todos matamos esse menino”, diz reitor da USP. **Veja Sp**, São Paulo, 05 dez. 2016. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/reitor-usp-joao-grandino-rodas-entrevista>. Acesso em: 03 jul. 2024.

BLAY, Eva Alterman; MARTINS, Heloisa H. Souza. **Favelização dos funcionários da USP**. Ciência e Cultura, 1980.

CABRAL, Otávio. Garoto é encontrado morto na USP: o estudante daniel pereira de aráujo, 15, estava desaparecido desde domingo; família culpa seguranças. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, nov. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff061101.htm>. Acesso em: 03 jul. 2024.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Caderno Executivo - Seção II. São Paulo, 05 set. 2023. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/GatewayCertificaPDF.aspx?notarizacaoID=9a7cc1f1-b-652-4ba7-98ef-2a2c2d0cfba7>. Acesso em: 03 jul. 2024.

DIAS, Hérika. Como avaliar o impacto de uma universidade pública na vida dos brasileiros? **Jornal da Usp**. São Paulo, p. 1-1. out. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/como-avaliar-o-impacto-de-uma-universidade-publica-na-vida-dos-brasileiros/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

FUNDO DE CONSTRUÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FUNDUSP) (São Paulo). Plano de desenvolvimento preliminar, 1998. **Plano de Desenvolvimento para a Cidade Universitária “ASO”**, São Paulo, 1 nov. 1998. Disponível em: <https://planodiretor.cb.usp.br/wp-content/uploads/sites/1354/2023/10/1998-Plano-de-Desenvolvimento-Fisico-para-a-Cuaso-1998.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2024.

GARIANI, Lucas; ROCHA, Beatriz; MOTTA, Lucas; SILVESTRE, Arthur; FRANÇA PINTO, Teresa; PIMENTA, Martha. **A USP e a São Remo: A atuação dos Programas Avizinhar (1998-2006) e Aproxima-Ação (2013-2021)**. 1º Congresso de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://prceu.usp.br/congresso/2021/11/25/a-usp-e-a-sao-remo-a-atuacao-dos-programas-avizinhar-1998-2006-e-aproxima-acao-2013-2021/>. Acesso em: 3 jul. 2024.

GOMES, Felipe; ROCA, Gabriel. Novas medidas isolam a comunidade: universidade deveria buscar maior integração com moradores em vez de afastá-los. **Notícias do Jardim São Remo**. São Paulo, p. 1-1. jun. 2011. Disponível em: <https://njsaoremo.eca.usp.br/?p=831>. Acesso em: 04 jul. 2024.

LINHARES, Carolina. Intervenção artística no muro da São Remo busca chamar atenção para a falta de diálogo entre a USP e a sociedade. **Jornal do Campus**. São Paulo, p. 1-1. nov. 2011. Disponível em: <https://www.jornal-do-campus.usp.br/index.php/2011/11/intervencao-artistica-no-muro-da-sao-remo-busca-chamar-atencao-para-a-falta-de-dialogo-entre-a-usp-e-a-sociedade/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

PAULINO, Jorge. **O pensamento sobre a favela em São Paulo**: uma história concisa das favelas paulistanas. 2007. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, University of São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.16.2007.tde-17052010-111743. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16137/tde-17052010-111743/en.php>.

PROJETO Alavanca Brasil. [S.l.], 3 jul. 2024. Disponível em: <https://projetoalavanca.org/>. Acesso em: 3 jul. 2024.

PROJETO Sudoeste da USP. Direção de Bartira Velludo V. Costa. Realização de Projeto Sudoeste, Laboratório de Recursos Audiovisuais, Fauusp. São Paulo, 1987. (17 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GXz49ZblDc4>. Acesso em: 03 jul. 2024.

REPORTAGEM LOCAL. MORTE NA USP: família suspeitava que o estudante daniel pereira de aráujo tivesse sido assassinado dentro do campus. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, nov. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff271101.htm>. Acesso em: 03 jul. 2024.

ROCHA, Mariana Machado. **Quando a favela é extensão da universidade**: o Programa Avizinhar em meio às relações entre a USP e a São Remo. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.48.2016.tde-01112016-105256. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01112016-105256/pt-br.php>.

SÃO Remo Fau USP: Diário do Movimento de Favelas Unidas do Butantã. Diário do Movimento de Favelas Unidas do Butantã. 2017. Disponível em: <http://www.saoremo.fau.usp.br/index.php/2017/12/04/diario-do-movimento-de-favelas-unidas-do-butanta/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

Sarau do Trator. São Paulo, 2012. (9 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ooBaxIcjO-o>>.

Sintusp. Manifesto contra a terceirização e precarização do trabalho Campanha pelo direito dos/as trabalhadores/as terceirizados/as da USP a usar o BUSP. 2023. Disponível em: <https://www.sintusp.org.br/podcast/boletim-de-audio-n-06-23-manifesto-contr-a-terceirizacao-e-precarizacao-do-trabalho-campanha-pelo-direito-dos-as-trabalhadores-as-terceirizados-as-da-usp-a-usar-o-busp/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

Sintusp. Manifesto contra a terceirização e a precarização do trabalho. 2023. Disponível em: <https://www.sintusp.org.br/2023/04/13/manifesto-contr-a-terceirizacao-e-a-precarizacao-do-trabalho/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

Vários autores. **Censo Vizinhança USP**: Características domiciliares e socioculturais do Jd. São Remo e Sem Terra. 2020. Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/9786587773216. Disponível em: <https://censovizinhanca.iea.usp.br/arquivos/censo-vizinhanca-usp-jardim-sao-remo-e-sem-terra.pdf>.

Vários autores. Projeto Sudoeste II - Sintonize na São Remo. 2020. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gyj2_PlOpJg.

